

AS TÉCNICAS CONSTRUTIVAS E A EXPANSÃO DO BAIRRO DO RECIFE ANTIGO NOS SÉCULOS XVI A XIX¹

*Vera Menelau
Tereza Simis
Cláudia Oliveira
Gabriela Martin
Anne-Marie Pessis*

RESUMO

O trabalho analisa a origem e a expansão do Bairro do Recife, entre os séculos XVI a XIX, a partir das evidências arqueológicas identificadas durante as pesquisas realizadas através do Projeto de Revitalização do Bairro do Recife, na área do Pólo Alfândega/Madre de Deus. A pesquisa documental (onde foi traçado um paralelo entre a documentação textual e a iconográfica da área), juntamente com a pesquisa arqueológica², permitiu estabelecer a evolução histórica do bairro e contribuiu para a compreensão de alguns tipos de atividades das sociedades do passado. Também possibilitou a visualização de diversas etapas desse processo de urbanização, onde foram reconstituídas as diversas fases de ocupação da península, analisando-se as técnicas construtivas de cada período e a sua influência européia.

PALAVRAS CHAVE: Bairro de Recife; Arqueologia Urbana

ABSTRACT

This paper analyzes the origin and expansion of the Recife Bairro between the XVI and XIX centuries based on archaeological evidence conducted as part of the revitalization project, *Projeto de Revitalização do Bairro do Recife*, in the area of the Polo Alfândega/Madre de Deus. Historical archaeological research permitted the establishment of the bairro's evolution, thus contributing to understanding some of the activities of past. It has also enabled an image of the different phases of the urbanization process, where the peninsula's occupation was reconstituted through the analyses of building techniques of each period and the presence of European influence.

KEY WORDS: Recife *Bairro*; Urban Archaeology

¹ Pesquisa realizada pelo Programa de Pós-Graduação em Arqueologia, da Universidade Federal de Pernambuco, em parceria com a URB-Recife/MONUMENTA/BID.

² **Coordenação Geral:** Profa. Dra. Anne- Marie Pessis, Profa. Dra. Gabriela Martin Ávila e Profa. Dra. Cláudia Alves de Oliveira -**Coordenadoras de Campo:** Ms. Vera Lúcia Menelau de Mesquita e Ms. Tereza Cristina Simis - **Consultor:** Prof. Dr. Luiz Mota Menezes - **Auxiliares de Campo:** Ms. Fabíola Jansen e Ms. Gleyce Lopes -**Estagiários:** Mônica Nogueira, João Anderson Xavier, Rodrigo, João Carlos Correia, Henrique Nelson, Simone Costa e Cecília Campelo.-**Técnicos:** Ana Carolina de Oliveira e Manoel de Lima - **Trabalhadores:** Luiz Oliveira, Luís Pereira, Marcelo da Silva e Washington Pereira.- **Topografia:** Edinaldo Assis Barbosa - **Fotografia:** Ricardo Abreu, Tereza Simis e Vera Menelau.

O contexto

O Bairro do Recife encontra-se dentro de um perímetro de tombamento federal a partir de 11 de julho de 2001, embora já estivesse sob a proteção municipal desde 1980³. Nessa proteção de âmbito municipal, incidem recomendações pertinentes ao Setor de Intervenção Controlada (SIC) do Plano Específico de Revitalização da Zona Especial do Patrimônio Histórico – Cultural 09 (ZEPH – 09) e ao Setor de preservação Rígida, Sítio Histórico Bairro do Recife, da Lei Municipal nº 16.290 de 29-01-1997, Lei de Uso e Ocupação do Solo.

Dentro do Bairro do Recife, o Pólo Alfândega/Madre de Deus, área dessa pesquisa, é constituído de edificações de grande valor arquitetônico, histórico e cultural, fazendo parte do núcleo original da Cidade do Recife. A área em questão corresponde ao extremo sul da Ilha do Recife (figura 1), onde se encontram a Rua da Moeda, trecho da Avenida Alfredo Lisboa, Rua Madre de Deus, Rua Vigário Tenório, Rua da Alfândega, Rua Aluísio Magalhães e Rua Aluísio Periquito, trecho da Rua Mariz de Barros e da Rua da Assembléia.

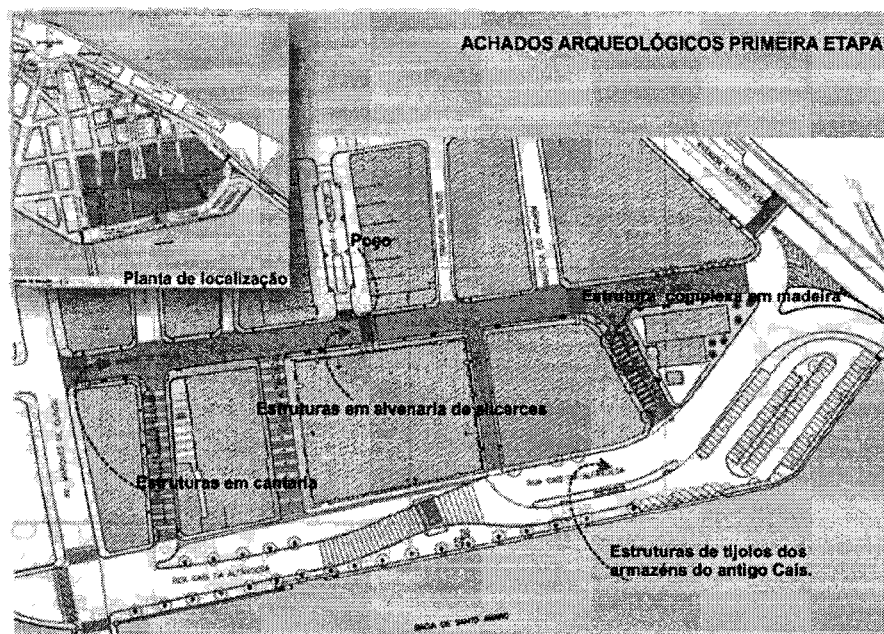


Figura 1: Área da Escavação
Fonte: Montagem de Tereza Simis

³ Prefeitura da Cidade do Recife. Preservação de Sítios Históricos. Recife: PMR/URB/Recife Gráfica Editora Ltda. 1981.

O primeiro registro histórico do Bairro do Recife data de 12 de março de 1537, feito na carta endereçada ao donatário de Pernambuco, Duarte Coelho. A carta trata de uma doação, por parte da Coroa Portuguesa, do Foral de Olinda, conhecido popularmente como ancoradouro. Em escritura lavrada em 24 de abril de 1593, sobre a doação do Foral de Olinda, existe uma descrição da configuração da área, nessa ocasião:

(...) todos os mangues em redor desta vila, que estão ao longo do rio Beberibe para baixo, e para cima até onde tiver terra de arvoredo, e os do rio dos Cedros e Ilha do Porto dos Navios. Os varadouros que estão dentro do Recife dos Navios e os que estiverem pelo rio arriba dos Cedros e do Beberibe, e todos outros varadouros que se achar ao redor da vila e terreno dela, será para serviço seu e do seu povo⁴.

A configuração natural da ilha, propícia ao embarque e desembarque de mercadorias e passageiros, como também para o uso de pescadores, oficiais e outros, ligados as tarefas próprias de um porto, levariam o istmo litorâneo a se desenvolver. Todos os nomes que recebeu ao longo do tempo como, Arrecifes dos Navios (Foral de Olinda, 1537), Porto dos Navios, Povo dos Arrecifes ou Ribeira Marinha dos Arrecifes, entre outros, refletem a sua apropriada forma e a segurança, necessária aos navios, como afirma Pereira da Costa (1985) “*um seguro ancoradouro defendido da impetuosidade dos mares e ventos pela extensa linha de arrecifes, que corre ao longo da costa*”.

Localizado em uma planície “flúvio-marinha”, o Bairro do Recife foi formado por terras de aluvião, trazidas pelas enxurradas dos deltas dos rios Beberibe, Capibaribe, Tejipió, Jaboatão e Pirapama. Esse fenômeno aconteceu por cerca de cinco milhões de anos, formando uma planície quartenária entre colinas terciárias. Os arrecifes de arenito também quartenários, formados com o recuo do oceano, proporcionaram uma barreira natural que facilitou a deposição dos tributários. Segundo Lins (1982, p. 81)

“Coroas e bancos de areia, cordões litorâneos, arenosos e restingas, associado tudo a pântanos de água salobra, manguezais, lagamares, esteios e camboas, eis um resumo do sítio do Recife em sua origem, ou seja, do estuário afogado comum dos rios Capibaribe, Beberibe e Tejipió”.

⁴ Escritura lavrada em 24 de abril de 1593, referente ao Foral de Olinda.

A pesquisa arqueológica

A pesquisa de campo realizada na área do Pólo Alfândega/Madre de Deus também teve como objetivo o acompanhamento das obras do Projeto de Reestruturação e Revitalização do Bairro do Recife. Desta forma a pesquisa arqueológica utilizou, em primeira instância, como ponto de partida as aberturas das valas feitas pela construtora, que tinham em média 1.20 metros de largura por grandes extensões de comprimento ao longo das ruas intervindas e 2.00 metros de profundidade. A partir dessas valas, sempre que havia indícios de estruturas, a área de escavação era expandida, ampliando-se assim as informações sobre o contexto arqueológico das evidências.

A escavação das valas também foi controlada por níveis artificiais de 0.30 cm, uma vez que, a área da pesquisa, é constituída de vários processos de aterros, com níveis diferentes devidos as diversas etapas de aterramento, por ocasião da expansão territorial do bairro. A profundidade das valas variou de acordo com a área, buscando-se alcançar o nível onde não houvesse indícios da atividade humana.

A leitura estratigráfica e a análise espacial das evidências encontradas possibilitou a reconstituição da paisagem e a identificação das atividades ali realizadas. Foram considerados os aspectos naturais e antrópicos na constituição do registro arqueológico.

As estruturas e as técnicas construtivas

O elemento humano foi um contribuinte decisivo para a modificação da configuração da formação da planície em tempos mais recentes. A princípio individualmente, os pescadores e habitantes de áreas ribeirinhas, construindo seus mocambos ampliavam seus pedaços de chão e posteriormente, o Estado e os holandeses, aterrando grandes porções de áreas, para expandir a cidade.

Em relação às estruturas dos primeiros habitantes, os pescadores e os moradores de áreas ribeirinhas, correspondentes ao século XVI, não foram encontrados entre os vestígios arqueológicos, pela precariedade dos materiais utilizados para suas construções. Contudo em relação aos séculos XVII, XVIII, XIX e XX, as pesquisas arqueológicas mostraram farto material, como veremos a seguir.

Em 1630, essa pequena povoação do Recife dependia da vila de Olinda, onde estava acomodada a aristocracia do açúcar. Com a invasão holandesa, a povoação começa a ganhar impulso. Com a decisão holandesa de incendiar Olinda e de eleger o Recife, como ponto de escoamento das novas matérias primas, os holandeses investem

em pontes e aterramentos. Com base na iconografia é possível afirmar que é nessa época que acontecem as primeiras mudanças significativas no espaço natural da península. São nítidas nas estratigrafias, expostas pelas escavações, as diversas fases de aterramentos feitas no bairro a partir dessa época até o século XX (figura 2).

Sabemos que foi na planície constituída de ilhas, em bancos de solo mal consolidados, que nasceu o Recife, assentando suas construções quase dentro da água. Foi nesse solo, que não estava a muita profundidade em relação ao nível atual, confirmado com os níveis identificados nas escavações, que foi localizado o limite final da ocupação holandesa no Bairro, o chamado *Quarteirão holandês*. Hoje, essa área corresponde as imediações da esquina da Rua da Madre de Deus com a Av. Marques de Olinda (figura 3).



Figura 2: Estratigrafia
Fonte PPARq -UFPE (Foto: Montagem de Tereza Simis)

Por ocasião da chegada do Conde Maurício de Nassau ao Recife, segundo Ângela Maranhão Barreto (1994), a área do bairro do Recife era de 100.000 m², habitada por uma população de 2.700 pessoas e com um índice habitacional de 27 mil pessoas por Km². Nassau, para vencer essa questão populacional, investe na Ilha de Antônio Vaz. O primeiro Plano Urbanístico do Brasil foi obra do Conde Maurício de Nassau, comandante holandês da Companhia das Índias. Também é ele o responsável

pela primeira ponte do Brasil, inaugurada em 28 de fevereiro de 1644, ligando o Recife com as ilhas de Santo Antônio.

Os vestígios da presença holandesa no Bairro do Recife foram encontrados, como citado anteriormente, no início da Rua da Madre de Deus (figura 3). São estruturas de alicerces de casas que formavam o bairro holandês. A técnica construtiva utilizada, na construção dessas casas é de assentamento de tijolos, unidos com argamassa de caulim, sobrepostos em rocha de arenito, que estavam depositadas diretamente no solo natural. Nessas estruturas também são encontrados outros materiais, que demonstram um aproveitamento de outras construções, já que são empregados ocasionalmente. Aliás, o aproveitamento de estruturas já utilizadas em outros locais, para a construção de uma nova é uma característica encontrada em todos os períodos, perfeitamente explicada pela escassez de material construtivo, no início da colonização.

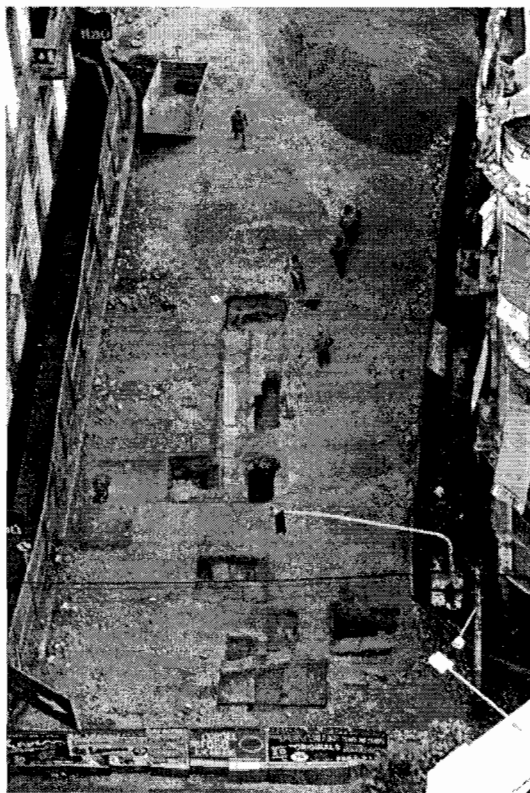


Figura 3: Rua da Madre de Deus – quarteirão holandês
Fonte PPARq -UFPE (Foto: Ricardo Abreu)

As estruturas do período holandês estão no nível mais baixo, depositadas diretamente em rochas de arenito, que por sua vez estão sobre o solo original. Elas estão

limitadas por um meio fio de paralelepípedo, que mostram um traçado de ruas diferente do atual. Sobre essa estrutura holandesa foi encontrado um outro alicerce, também limitado por uma rua de paralelepípedo mostrando um período diferente em um nível mais alto (figura 4). A tubulação recente mostra uma intervenção posterior.

Verifica-se nas estruturas do período holandês (figura 5) as pedras de arenito, os restos de materiais e o tijolo vindo da Holanda, servindo como base do alicerce. Estas estruturas mostram uma superposição de uso. O nível mais próximo ao solo natural tem características que indicam um período mais antigo, portanto o holandês. Alguns artefatos encontrados nesse nível, como os cachimbos classificados como holandeses e um azulejo, também holandês, entre outros, ajudam na datação e interpretação. Na verdade, os artefatos por si só, talvez não fossem suficientes, uma vez que toda a área do bairro do Recife tem sofrido interferências várias ao longo dos séculos. Sendo assim foram muitos os objetos encontrados fora do seu contexto original que não pertenciam temporalmente a camada estratigráfica onde estavam.



Figura 4: estruturas do bairro Holandês
Fonte PPArq -UFPE (Foto: Vera Menelau)

Por ocasião da expulsão dos holandeses do Brasil, em 1654, o Bairro do Recife, segundo Johan Neieuhof, contava com aproximadamente 2.000 prédios. Por falta,

talvez, de possibilidades de expansão, predominou durante o período holandês, a tipologia com dois pavimentos para os edifícios residenciais e de uso mixto. Essa tipologia foi um modelo europeu que aqui tomou características próprias e passou a ser denominado de sobrado. Havia, também, entre outras construções, os mirantes, a Igreja de Corpo Santo, a Alfândega, a cadeia, a provedoria, a Casa da Câmara, a Sinagoga dos Judeus e armazéns.

Quando os holandeses se retiraram da Vila do Recife havia um alto índice demográfico e pouca terra. Segundo o historiador José Luiz Mota Menezes, também consultor desse projeto de pesquisa, por ocasião da saída dos holandeses

“(...) o atual bairro do Recife, o povoado dos Arrecifes, considerando o lugar do casario, o tal assentamento portuário terminava, ao Sul, nos fundos das moradias da Rua do Vigário Tenório. No lugar e para tal direção geográfica existia um grande mangue visto em mapas da época⁵”.

Para ampliar o solo, a povoação colonial do Recife, do século XVII, construía cercas de madeira, paliçadas e ensecadeiras, e muros de pedras que serviam para minimizar o impacto das marés, como estruturas para as próprias construções de casas e dando lastro as construções erguidas sobre o solo de areia. Muitas dessas estruturas foram encontradas durante as escavações (figuras 6 e 07). A técnica construtiva empregada era composta pela utilização de rochas (arenito, calcário, basalto etc.), restos de telhas e de tijolos com calça, nas estruturas mais antigas e, tijolos maciços com calça, mais para o século XVIII.

⁵ Texto escrito pelo autor como subsídio para as pesquisas arqueológicas em 2007.

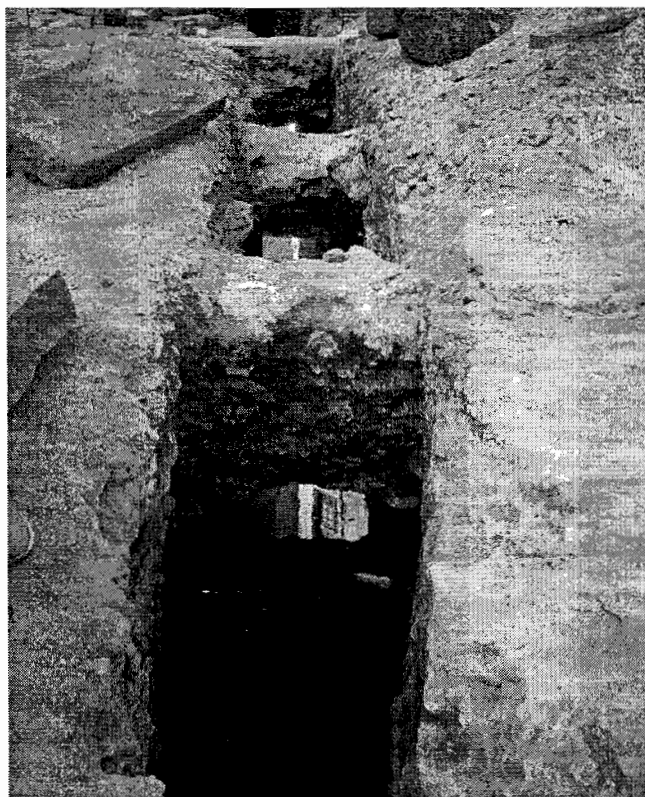


Figura 5: Arranjo de rocha de arenito, restos de materiais e tijolo holandês. Fonte PPARq-UFPE (Foto : Vera Menelau)

Outro tipo de técnica construtiva identificada é a utilização de materiais mistos. Esta técnica foi verificada na seqüência de estruturas localizada na área, onde termina o bairro holandês e começam as casa do quarteirão de Matos, esquina da Rua da Madre de Deus com a Rua da Moeda (figura 6). Outra estrutura (figura 7), em uma área mais próxima da localização do Forte de Matos, apresenta uma unidade dos materiais, com tijolos do mesmo tamanho e calça. Isto indica, provavelmente, um momento mais farto em relação aos materiais e uma construção mais aprimorada.

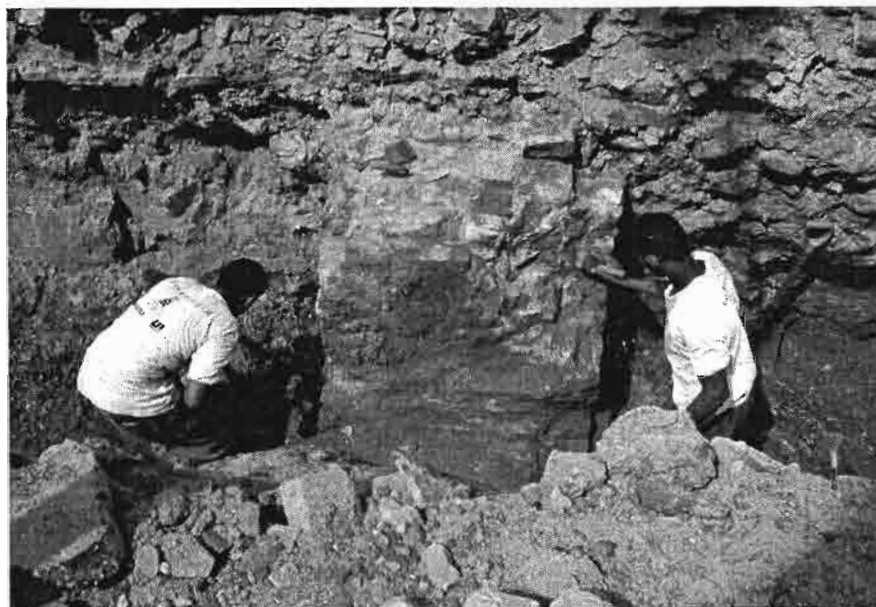
Na segunda metade do século XVII, o construtor Antônio Fernandes de Matos, constrói uma fortaleza em cantaria, aproveitando ao máximo o limite do areal, formado dentro da bacia do rio Capibaribe e Beberibe, daí a sua forma circular. A construção do forte foi autorizada pelo governador da capitania de Pernambuco D. João de Sousa. Matos assume todo o custo da obra, tendo como contrapartida o direito de construir em todas as terras que surgissem entre a Vila do Recife e o forte. Segundo o historiador José Luiz Mota Menezes

“A ocupação do mangue se deu gradualmente desde os fundos da Rua do Vigário Tenório até o forte do Matos. No arruamento, então definido para o aterro, devidamente drenado o mangue, a ordenação seguiu o padrão regular com ruas que se dirigiam ao forte e outras no sentido contrário. Um trecho ficou diferente, a Rua dos Burgos, diante da configuração da península em sua parte final. Com tal disposição chegou às ruas referidas ao século XX. Duas ruas ortogonais, isto é Leste /Oeste eram chamadas de Rua do Amorim e da Moeda, esta última por conta da Casa da Moeda nela instalada. A distância entre as ruas era pequena e as três quadras com casas térreas, além de sobrados de dois e três pavimentos tinham pouco quintal ou quase nenhum. As quadras possuíam 30 casas. Tal casario remonta provavelmente ao final do século XVII ou princípio do seguinte, uma vez que já existem representadas as quadras, ainda de todo não completas no seu trecho mais ao Leste, em mapa de Diogo da Silveira Veloso datado de 1732.”⁶



**Figura 6: Estruturas de contenção de águas para aterro.
Materiais mistos (rochas diversas, restos de telhas, tijolos e calça).
Fonte PPARq -UFPE (Foto Tereza Simis)**

⁶ Texto escrito pelo autor como subsídio para as pesquisas arqueológicas em 2007.



**Figura 7: Estruturas de contenção de águas para aterro.
Tijolos maciços e calça.
Fonte PPArq -UFPE (Foto: Tereza Simis)**

Em relação às casas construídas por Matos, foram encontradas as estruturas de fundação em toda a Rua da Moeda. Comparando um mapa montado por José Luiz Mota Menezes (figura 8) com as estruturas encontradas (figura 9) é possível supor o motivo da demolição de todas as 30 casas construídas por Matos, que seria o alargamento da rua. As estruturas estão justamente na parte central da rua atual, limitando-se nos dois lados com as calçadas atuais.

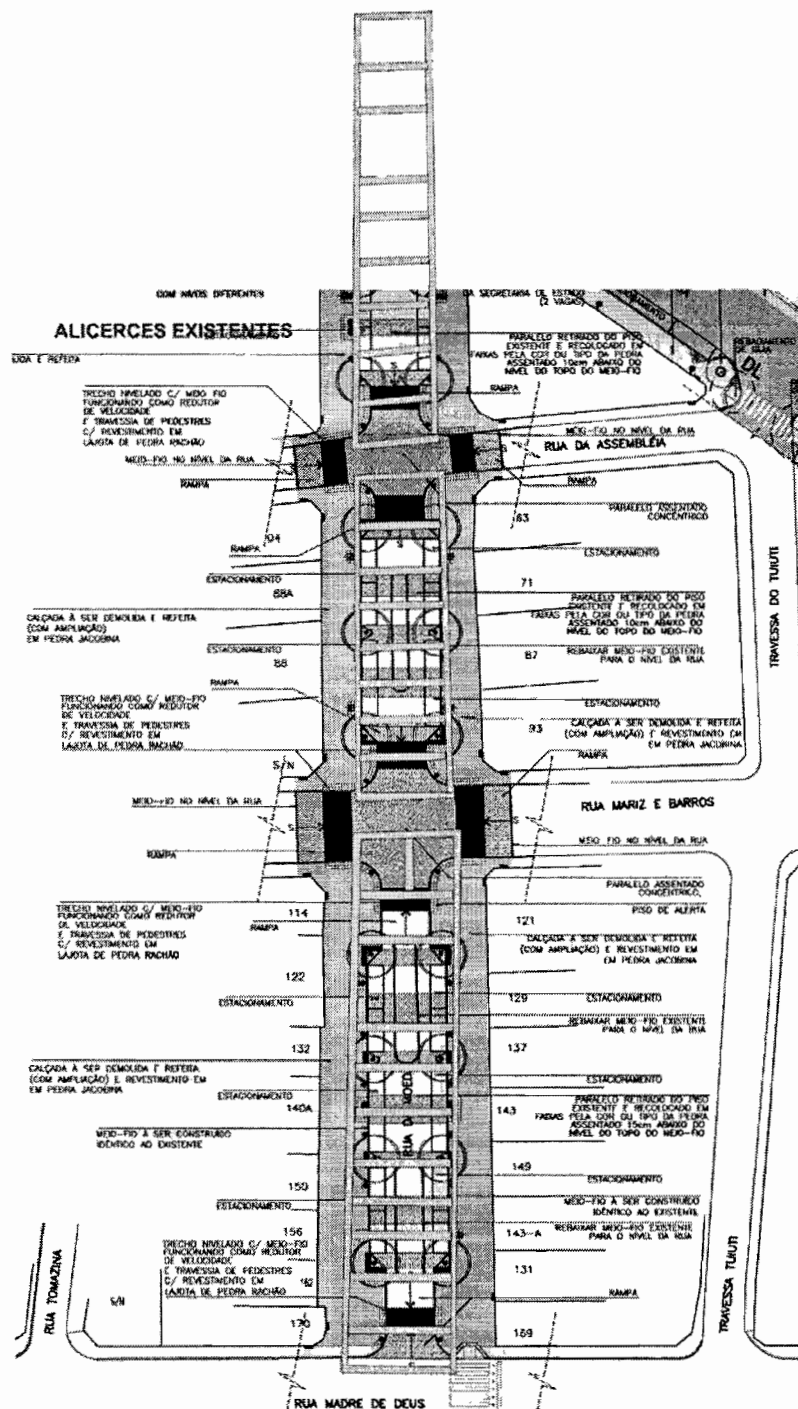
No mapa de Douglas Fox de 1906, as casas da quadra de Matos estão representadas, contudo no ano de 1932, quando foi realizado um mapeamento da cidade do Recife, as duas quadras de Matos que ficavam mais a leste, já tinham sido demolidas. A última para atender as obras da Avenida Alfredo Lisboa e a outra, para atender o alargamento proposto pelo engenheiro Domingos Ferreira⁷. As cinco casas que sobraram, junto a Rua da Madre de Deus foram demolidas antes de 1932, para o alargamento da Rua da Moeda.

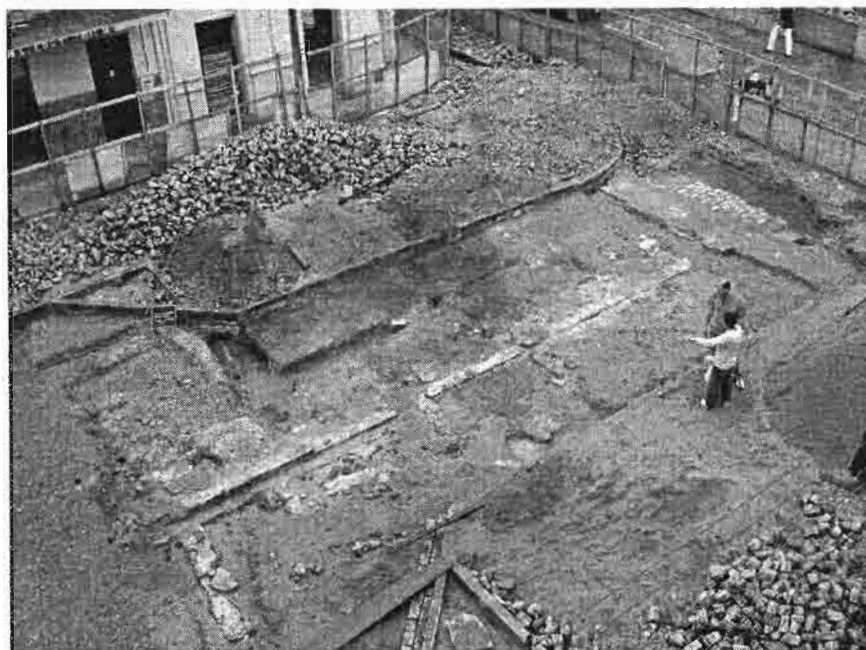
Nas estruturas das casas encontradas foi possível ainda localizar a frente de algumas delas através das soleiras, algumas contendo os locais das ferragens. Outras foram identificadas, em relação à posição, através da demarcação de suas ruas anteriores

⁷ Projeto existente no Arquivo Público do Estado.

feitas pelos paralelepípedos ainda posicionados. Outro aspecto observado foi em relação ao posicionamento dos poços ou cacimbas para fornecimento de água potável. Esses poços eram construídos ou em quintais ou dentro da própria casa (figuras de 10 a 12). Em alguns casos ficou claro ser o posicionamento do poço no quintal da casa, em outros não foi possível, ainda ter certeza do posicionamento, pois seria necessário ampliar muito mais a área de escavação, sendo impossível de ser feito nesta etapa.

Os poços encontrados, cinco ao todo, tinham técnicas construtivas diferentes. Alguns foram feitos de tijolos maciços, outros de pedras ou de material misto. As formas de quatro poços são circulares e do quinto, quadrada.





**Figura 9: Estruturas encontradas na Rua da Moeda.
Fonte PPARq -UFPE (Foto: Vera Menelau)**



**Figura 10: Um dos Poços encontrados na Rua da Moeda.
Fonte PPARq -UFPE (Foto: Tereza Simis)**



Figura 11: Poços encontrados na Rua da Moeda.
Fonte PPArq -UFPE (Foto: Tereza Simis)

Entre a área da Rua da Moeda e o local onde está localizado nos mapas, o Forte de Matos, foram encontradas uma grande variedade de estruturas, de variadas técnicas construtivas, indicando uso de contenção. Pela quantidade de descartes (de utensílios, animais, ferramentas, etc.), após cada estrutura, há forte indicação de aterros progressivos, que eram usados por períodos e depois era feita uma nova etapa.

Essa sucessão de estruturas se repetiu até o local onde foram evidenciadas estruturas de alicerces, ao longo de toda a Rua Aloísio Magalhães. Abaixo desses alicerces há toras de madeira dispostas em arranjos singulares (figuras 13 e 14). Pelas pesquisas na literatura e entrevista com alguns historiadores sabe-se que esse tipo de estaqueamento era utilizado nas áreas alagadas do Recife, mas foi pela primeira vez, que este tipo de estaqueamento, foi evidenciado pela pesquisa arqueológica.

Historicamente, a construção do Forte do Príncipe da Beira⁸, que fica nas margens do Rio Guaporé, em Rondônia, em ilustrações, nota-se os engenheiros militares marcando com estacas os limites para a construção de um forte, ou seja, um estaqueamento ou uma outra técnica de demarcar em área ou a formatação do *gride* de construção. De acordo com José Luiz Mota Menezes e Luiz Severino Jr., nas técnicas construtivas em áreas alagadas, foi usado muito madeiramento, que é o caso do Recife. No caso de dois dos seus prédios emblemáticos, como a casa de detenção, atual Casa da Cultura, e o Teatro Santa Izabel, constam em relatos bibliográficos, à utilização desta técnica em suas fundações.

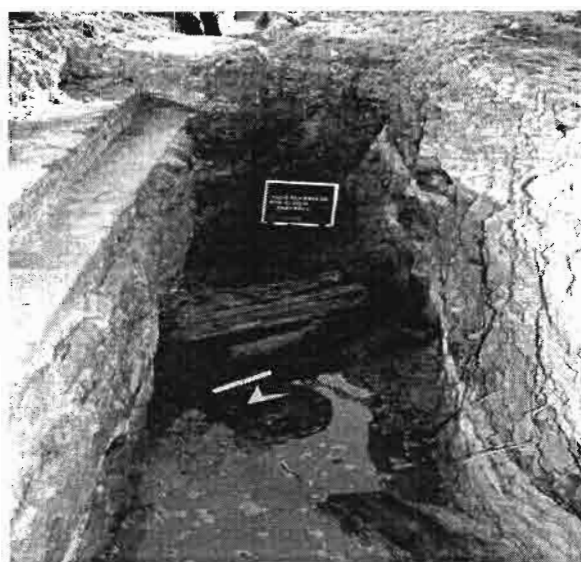
Esta técnica construtiva denota uma estrutura complexa composta de toras e pranchas de madeira (arranjo horizontais) e estacas (verticais - como se fossem fixadores), e segue, geometricamente, a inclinação e a locação da ponta do baluarte voltado para o rio. `

Os alicerces encontrados na Rua Aloísio Magalhães são de tijolo maciço com argamassa de calça e se sobrepõem apenas em dois lugares nestas toras de madeira. Pela grande extensão dos alicerces é visível que as duas estruturas são independentes. Com certeza as toras foram usadas para outro fim. Como se trata da área onde deveria estar o forte existe a possibilidade de haver algum vínculo com este. Contudo, embora se tenha expandido as pesquisas para achar algum vestígio do forte, apenas encontrou-se uma rocha de cantaria, com elementos malacológicos agregados, material do qual o forte foi erguido, mas insuficiente para qualquer afirmação.

⁸ No Brasil, a partir do Século XVIII a intervenção dos engenheiros-militares vai incidir no levantamento de inúmeras cidades agora mais no interior, inseridas na política de D.João V e seguidas pelo Marquês de Pombal, de delimitação e consolidação de um território. Essa política irá consolidar uma escola de urbanismo que se estava a desenvolver, agora, não só com regras urbanísticas estabelecidas nas cartas de fundação das cidades, mas acompanhadas de um plano de implantação. Paralelamente continua-se a levantar fortes, como Forte Coimbra, Forte do Príncipe da Beira, junto aos rios que estabelecem as fronteiras no interior. Com o início das Descobertas a ação dos "Mestres de Obras", nome que designava o arquiteto, o pintor, o escultor, funções que muitas vezes exerciam simultaneamente, vai se estender para obras de fortificação ligadas muitas vezes à estruturação da malha urbana.



**Figura 12: Poços encontrados na Rua da Moeda.
Fonte PPArq -UFPE (Foto: Tereza Simis)**



**Figura 13: Toras de madeira.
Fonte PPArq -UFPE (Foto: Tereza Simis)**

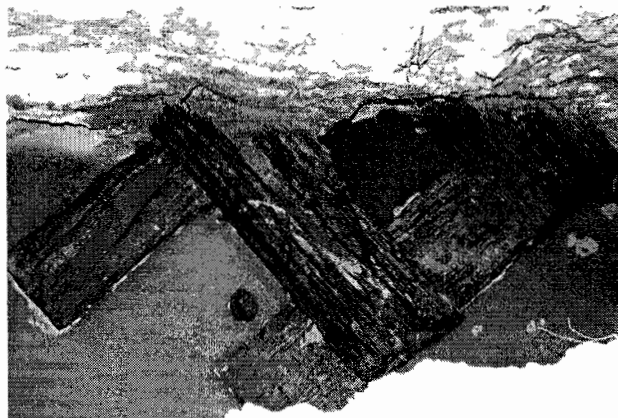


Figura 14: Estaqueamento da construção
Fonte PPARq -UFPE (Foto: Tereza Simis)

Considerações finais

O modo como o Bairro do Recife foi sendo formado, em conflito entre os agentes produtores do espaço e a importância que o meio físico exerceu sobre essa expansão urbana, traz questionamentos sobre qual o grau de influência que o período histórico teve sobre as técnicas construtivas, diante da disponibilidade de materiais construtivos apropriados para o domínio do solo.

A arqueologia buscou identificar, entre outros aspectos, as vinculações entre cada etapa da evolução urbana com as técnicas utilizadas, para que o homem conseguisse organizar seu território tornando-o habitável e produtivo.

De acordo com as referências ao crescimento do extremo sul, do Bairro do Recife, a formação geológica nesta área é composta por sedimentos de granulação de areia e silte, com intrusão de partículas rochosas de silicatos e arenitos, o que orientou e definiu as camadas naturais. Foram vários e diversificados os momentos de reforma e reutilização de estruturas na construção, da memória da paisagem colonial. Foram encontradas ricas camadas arqueológicas, formadas pelas mais distintas formas de acúmulos e sedimentação, tais como: descarte, acúmulo marítimo, demolição, aterros programados e não programados de construção de edificações. As principais unidades de análise segregadas pela pesquisa arqueológica são: as estruturas em cantaria no quarteirão holandês; as estruturas de alvenaria dos alicerces na Rua Madre de Deus; as estruturas complexas de toras e estacas de madeiras, na Rua Aloísio Magalhães; três Poços de alvenaria de tijolos e dois de pedra; os alicerces de alvenaria dos armazéns do antigo Cais; e as estruturas do casario do século XVII, da Rua da Moeda.

Na área delimitada pela muralha, em qualquer abertura nesta área, é possível deparar com diversificadas estruturas. A existência dos alicerces do século XIX, já evidenciados em níveis superficiais, indica o aproveitamento de estruturas anteriores, mais profundas. O aprofundamento das valas, necessárias para passagem da tubulação de drenagem, até o solo original ou até o nível do lençol freático, permitiu o estudo e registro das estruturas de diferentes arranjos dos tijolos, níveis de piso, camadas estratigráficas diferenciadas. Foi possível, nessa área, estender a pesquisa, para elucidação da largura original da rua, pela evidência dos tijolos de arranjo e de meio fio, no nível superior, até as estruturas de cantaria no nível estratigráfico natural da península. O traçado urbano original foi indicado pela estrutura de cantaria, abaixo das estruturas destes tijolos. Estas revelações do traçado urbano originário do Recife são fundamentais para a compreensão da evolução da Cidade.

Historicamente, sabemos que as construções de pedra foram usadas desde os primeiros tempos da colonização, e eram desejadas por serem mais duráveis, embora mais difíceis de executar. Em geral, as construções de pedra e cal restringiram-se, no início, à região litorânea, onde o material necessário, a pedra, e especialmente, a cal, eram mais fáceis de obter (VASCONCELLOS, 1968, p. 98).

Embora vários trechos da Rua da Madre de Deus estivessem com as camadas estratigráficas alteradas, foi possível observar os alicerces dispostos em arranjos singulares, alternados, enfileirados e escalonados na sua base, com calça clara, demonstram a disposição do conjunto de casas configuradas emparelhadas, em ruas estreitas. A dimensão da rua é percebida pelo arranjo em paralelepípedos graníticos.

As toras de madeira encontradas no final da Rua Aloísio Magalhães, no sentido do rio, são prováveis bases de contenção 9 e ou construção de fundações em estaqueamento e sugere ter sido do início da construção do baluarte do Forte do Matos.

Em relação aos alicerces de alvenaria encontrados na Rua Aloísio Magalhães há forte indicação de serem dos armazéns do antigo Cais. Conforme fotografias do Recife, publicadas em Velhas fotografias Pernambucanas, 1851 -1890, de Gilberto Ferrez, nota-se no perfil do antigo cais, fotografado por Augusto Stahl, em 1885, o arco da

⁹ O sistema de fundações isoladas, algumas vezes, aparece em construções cercadas de arcadas ou porticadas. Para essas fundações, são feitas as escavações de seção quadradas, sensivelmente maiores, do que as bases das colunas que sustentam e seguem os mesmos princípios de escavação, “até que se encontrasse solo firme”. Havia a necessidade de um encaixe para incrementar a amarração da coluna com o topo da fundação, fosse esta coluna de pedra, tijolo ou mesmo um pilar de madeira.(VASCONCELLOS, 1968, p.103)

Conceição, demolido em 1913, a sacristia da Madre de Deus e a alfândega com seus trapiches. Em outra foto, de Ducasble, dois anos antes, em 1883, também são evidenciados os trapiches da alfândega. As estruturas de alvenaria destes armazéns apontam outros indicadores como dimensão, nível, modulação e composição de suas volumetrias, além do que contém o mapa base do levantamento da cidade realizado por *Douglas Fox*, de 1906/07.

O conjunto de informações, já obtidas nesse projeto de pesquisa, apresenta elementos importantes, para aprofundar o conhecimento a cerca do processo de urbanização do Bairro do Recife dos séculos XVI a XIX.

Vera Lúcia Menelau de Mesquita
Arquiteta
vmenelau@globo.com

Tereza Cristina Simis
Arquiteta
Tereza.borsoi@gmail.com

Cláudia Alves de Oliveira
Arqueologia/UFPE
olivas@hotlink.com.br

Gabriela Martin Ávila
Arqueologia/UFPE
gmarvila@terra.com.br

Anne-Marie Pessis
Arqueologia/UFPE
pessis@terra.com.br

REFERÊNCIAS

- _____. ARQUIVO ULTRAMARINO, Carta à D. João IV, código de acesso. No AHU_ACL_CU_015, Cx.6, D.534, ano 1655. Universidade Federal de Pernambuco, Documentação Ultramarina, 110 andar.
- _____. COMISSÃO EXECUTIVA CENTRAL DO SESQUICENTENÁRIO DA INDEPENDÊNCIA DO BRASIL. *História do Exército Brasileiro: perfil militar de um povo*. Brasília: Edição do estado-maior do exército, 1972.
- _____. DOCUMENTOS HOLANDESES. vol 1, Ministério da Educação e Saúde, Serviço de Documentação, 1945
- ALBUQUERQUE, M & LUCENA, V. **Relatório Parcial de Acompanhamento do Sítio PE 0349 Avenida Alfredo Lisboa, trecho correspondente aos números de registro 1836, 1838 (travessias), 1938, 1939, 1940, 1941 e 1942** (trecho em frente ao Armazém 10). 2001.
- ALBUQUERQUE, M. A. G. M. ; LUCENA, V. . **Relatório Parcial de Acompanhamento Arqueológico do Projeto Luz no Recife Antigo** (Relatório de Cumprimento de Objeto - 1ª medição.) . 2001.
- ALBUQUERQUE, M. & LUCENA, V. *Arraial Novo do Bom Jesus: consolidando um processo, iniciando um futuro*. Recife: Graftorre, 1997.
- ALBUQUERQUE, M. LUCENA, V. WALMSLEY, D. Fortes de Pernambuco. *Imagens do passado e do presente*. Recife: Graftorre, 1999.
- ANDRADE, M. C. *Formação Territorial e Econômica do Brasil*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2003.
- BARLAEUS, G. *História dos feitos recentemente praticados durante oito anos no Brasil*. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 1980.
- BARRETO, Ângela Maria Maranhão. *Recife Através dos Tempos (A formação da sua Paisagem)*. Recife: Governo do Estado, Secretaria de Educação, Cultura e Esportes, FUNDARPE, CEPE, 1994.
- CASCUDO, L.C. *Geografia do Brasil Holandês*, Coleção dos documentos Brasileiros, José Olimpio Editora – 1945.
- GALINDO, Marcos; HULSMAN, Lodewijk. *Guia de fontes para a história do Brasil Holandês: acervos de manuscritos em arquivos holandeses*. Brasília, DF: MINC/Projeto Resgate, Recife: Fundacao Joaquim Nabuco : Ed. Massangana, 2001. 376p.
- HOLANDA, S. B. de. *A época colonial*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1993. v. 2.
- KOSTER, H. *Viagens ao Nordeste do Brasil*.- ABC Editora, 2003.
- LINS, Rachel Caldas. *Alguns Aspectos do Sítio Urbano do Recife*. In: ANDRADE, Manuel Correia de. (Org.). Capítulos de Geografia do Nordeste. União Geográfica Internacional, Comissão Nacional do Brasil. Recife, 1982.
- LUBAMBO, C. *O Bairro do Recife no Início do Século, uma experiência de modernização urbana*. Recife: MDU. 1988.
- MELLO, J. A. G. de, *Dois Relatórios Holandeses*. Coleção da Revista História São Paulo – Brasil.
- MELLO, J. A. G. de. *Fontes para a História do Brasil Holandês. 1- A economia Açucareira*. MEC/ SPHAN /FUNDAÇÃO PRÓ-MEMÓRIA -Recife 1981.
- MELLO, J. A. G. de. *A Cartografia Holandesa do Recife, estudo dos princípios mapas da cidade do período 1631-1648*. IPHAN/MEC, 1976.
- MENEZES, J. L. da M. & RODRIGUES, M. do R. R. *Fortificações Portuguesas no Nordeste do Brasil. Séculos XVI, XVII e XVIII*. Recife: Pool Editorial, 1986.
- MENEZES, J. L. da M. *As portas de um Recife fortificado*. Recife: 2001.

- _____. *Atlas Histórico Cartográfico do Recife* – Recife FUNDAJ – Editora Massangana – 1988.
- PEREIRA DA COSTA, F. A. *Anais Pernambucanos*. v10, 1834 – 1850, Recife: FUNDARPE, 1985.
- REIS, N. G. *Imagens de Vilas e Cidades do Brasil Colonial*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000.
- SILVA JR., Luiz Severino da. *Alfândega do Recife: resgate patrimonial. Relatório da Pesquisa Histórica*. Recife: Instituto Ouricuri, 2002.
- _____. *O Forte do Matos e o crescimento urbano do extremo sul da Vila do Recife 1680-1730. Alfândega do Recife: uma perspectiva arqueológica*. Recife, UFPE. CFCH. Arqueologia, 2006.
- SIMIS, Tereza Cristina. *Convento dos Oratorianos de São Filipe Néri: Leituras arqueológicas de um convento que virou shopping em Recife –PE*. In: CLIO Arqueológica n.º 19, Recife: UFPE, 2005. vol. 2.
- VASCONCELLOS, Sylvio de. *Arquitetura no Brasil. Sistemas Construtivos*. Belo Horizonte: Edições Escola de Arquitetura, 1968.